

## UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE “DESPERTAR”, DE GUY DE MAUPASSANT

### A SEMIOTIC ANALYSIS OF “DESPERTAR”, BY GUY DE MAUPASSANT

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n1p314-330

Ernani Terra<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo tem por tema a construção dos sentidos do conto “Despertar”, de Guy de Maupassant. A fundamentação teórico-metodológica é a semiótica de linha francesa, também dita discursiva ou greimasiana. O objetivo é mostrar que os sentidos que emergem da oposição semântica de base do nível fundamental se manifestam no nível discursivo por meio de temas e figuras que mostram uma personagem cindida entre dois mundos, o da realidade e o da fantasia. Na análise, destaca-se que a passagem de um mundo a outro relaciona-se a mudanças de espaço, cada um deles correspondendo a um mundo particular. Conclui-se que as coerções sociais se sobrepõem às pulsões individuais.

**Palavras-chave:** Guy de Maupassant; Despertar; semiótica.

**Abstract:** This paper centers at the construction of the senses in the short story “Despertar” by Guy de Maupassant. The methodological theoretical grounds is based in the Semiotics of French tradition, also called Discursive or Greimasian. The objective was to demonstrate that the senses that emerges from a semantic opposition in the fundamental level manifest themselves in the discursive level through themes and images that shows a character divided between two worlds, one is the world of reality and the other the world of fantasy. In this analysis, it is noted that the transition between these two worlds relate to changes in space, witch one of then corresponding to a specific world. Concludes that the socials coercions overlap to the individual drives.

**Keywords:** Guy de Maupassant; Despertar; semiotics.

### Introdução

Este artigo amplia e aprofunda apresentação oral feita pelo autor no XX miniEnapol de Semiótica e incorpora sugestões apresentadas por participantes daquele evento. O autor agradece, especialmente, a Jessyca Pacheco (FFLCH-USP) pelas pertinentes observações.

---

<sup>1</sup> Doutor em Língua portuguesa pela PUC-SP, professor aposentado, e-mail: ernani@uol.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2889-1576>

Utilizou-se para este artigo a tradução para o português do conto “Réveil” de Guy de Maupassant, de 1883, feita por Amilcar Bettega, publicada no Brasil pela Companhia das Letras, com o título “Despertar” (MAUPASSANT, 2009), reproduzida no anexo.

“Despertar” pode ser considerado um conto psicológico, pois a sondagem do mundo interior da personagem se sobrepõe à ação propriamente dita. O que vem à tona no conto é a imagem das ilusões que alimentam a protagonista, um movimento de desconstrução de uma fantasia. A narrativa é breve e apresenta unidade de ação, tempo e espaço. Há um único episódio e um número reduzido de personagens, apenas quatro: Jeanne Vasseur, a protagonista; seu marido, o sr. Vasseur; Paul Péronel (Capitão Rompante); e D’Avencelle (Carneiro Fiel).

O espaço é praticamente fechado, Paris. O vale do Ciré aparece para indicar de onde vem e para onde volta a protagonista, servindo de espaço de oposição a Paris. O tempo dos acontecimentos narrados também é reduzido: a protagonista sai de sua casa no outono e retorna no inverno. Como é característica dos melhores contos, “Despertar” tem um final surpreendente. Todos os elementos dos gêneros narrativos estão presentes no conto. “Despertar” é um texto enuncivo, com um narrador heterodiegético, onisciente. A narração em terceira pessoa confere sentido de objetividade ao texto, na medida em que há um apagamento das marcas linguísticas do enunciador. É como se a história narrasse a si própria.

O tempo dos acontecimentos é anterior à enunciação e os fatos narrados ocorrem três anos após o casamento da protagonista com o sr. Vasseur, um industrial bem-sucedido, bem mais velho do que Jeanne, e que a amava. O casal mora no vale do Ciré, de onde Jeanne nunca saíra após se casar. O passar do tempo é marcado pelas mudanças de estações: a mãe costuma visitar Jeanne no verão e retornar a Paris no outono para passar ali o inverno; as crises de tosse de Jeanne se manifestam no outono, época em que o vale fica coberto de bruma e uma “névoa branca envolvia tudo e fazia do vale uma região de fantasmas por onde os homens deixavam-se ir como sombras, sem se reconhecerem a dez passos” (MAUPASSANT, 2009, p. 204). Jeanne retorna de Paris no inverno; Carneiro Fiel a visita no verão seguinte. Não há anacronias, os eventos são narrados na ordem cronológica do passado para o presente.

Além desse tempo físico, objetivo, mensurável e evidenciado pelas mudanças das estações, há um tempo subjetivo da personagem principal. Esse tempo psicológico apresenta dois planos distintos: aquilo que acontece na realidade e aquilo que acontece no sonho, na fantasia. Há o tempo do sonho e o tempo do despertar. Este último, aliás, aparece como título e orienta o leitor para a construção do sentido.

Normalmente, os títulos condensam a significação mínima de um texto e sugerem o tema principal. No caso, já se sabe que o tema do conto se refere a um despertar. Como o sentido se dá por uma oposição mínima, temos de construir uma oposição semântica em que um dos termos seja *despertar*. Nas Considerações finais deste artigo, isso é retomado e discutido mais profundamente.

### **Semântica do discurso: tematização e figurativização**

Segundo Barros (2003, p. 7), “a semiótica tem por objeto o texto, ou melhor procura descrever e explicar *o que o texto diz e como faz para dizer o que diz*” (grifo no original). A semiótica de linha francesa, em cujo aparato teórico-metodológico este artigo se fundamenta, concebe o sentido como resultado de um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Entre esses dois níveis, há o das estruturas narrativas. A passagem de um nível a outro representa sempre um enriquecimento de sentido. Cada um desses níveis (fundamental, narrativo e discursivo) apresenta uma sintaxe e uma semântica próprias. No nível fundamental, a significação se manifesta a partir de uma oposição semântica mínima. Em “Despertar”, a oposição semântica de base é /natureza vs. cultura/. No nível narrativo, a narrativa se estrutura sob o ponto de vista de um sujeito; no conto estudado neste artigo, o sujeito da ação é figurativizado em Jeanne. No nível discursivo, o mais próximo da manifestação, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. Ao instalar um sujeito, instalam-se também as categorias de tempo e espaço. As categorias da enunciação, pessoa, tempo e lugar, dizem respeito à sintaxe do discurso; a semântica do discurso se ocupa dos temas e das figuras. Segundo Barros,

A semântica discursiva descreve e explica a conversão dos percursos narrativos em percursos temáticos e seu posterior revestimento figurativo. A disseminação discursiva dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação que assim provê seu discurso de coerência semântica e cria efeitos de realidade, garantindo a relação entre mundo e discurso. (BARROS, 2001, p. 113)

A tematização é, segundo Barros (2001), “a formulação abstrata dos valores, na instância discursiva, e sua disseminação em percursos”. Segundo Greimas e Courtés (2012, p. 495), o percurso temático “é uma distribuição na cadeia sintagmática de investimentos temáticos parciais”. Em “Despertar”, esses investimentos temáticos são, essencialmente, o amor, a atração, o desejo, a culpa, a fidelidade, o sonho, a realidade e o despertar.

A figurativização diz respeito ao investimento semântico decorrente da instalação de figuras do conteúdo que recobrem os percursos temáticos, atribuindo-lhes traços sensoriais. As

figuras relacionam-se ao mundo natural criando, nos textos, efeitos de sentido de realidade. A reiteração de unidades semânticas, seja a repetição de temas, seja a recorrência de figuras, forma as isotopias (temáticas ou figurativas), que vão garantir a coerência semântica do discurso. A isotopia, segundo Floch (2001, p. 28), “permite entender como o prolongamento de uma mesma base conceitual garante a homogeneidade de uma narrativa apesar da diversidade figurativa dos atores e da ação”. Quanto às figuras, “Despertar” é totalmente coberto por elas, formando várias isotopias figurativas.

A oposição espacial /vale do Ciré vs. Paris/ e a oposição /D’Avencelle vs. Péronel/ são figurativizadas, como se mostra nos quadros a seguir.

**Quadro 1 – Figuras da oposição semântica /Ciré vs. Paris/**

<b>Ciré</b>	<b>Paris</b>
Brumas	Festas
Cerrações	Jantares
Névoa	Dança
Fantasma	Alegre
Sombras	Divertir-se
Nevoeiro	Cortejaram
Fumaça	Galanteios

Fonte: elaboração própria

**Quadro 2 – Figuras da oposição /D’Avencelle vs. Péronel/**

<b>D’Avencelle</b>	<b>Péronel</b>
Carneiro Fiel	Cavaleiro Rompante
Tímido	Galante
Doce, delicado	Mundano
Humildemente apaixonado	Conquistador

Fonte: elaboração própria

Enquanto Ciré, espaço das relações matrimoniais, é figurativizado como sombrio, esfumaçado, triste e de pouca vida, Paris, espaço das relações adúlteras, é figurativizado como alegre e divertido. O primeiro é o espaço da reclusão, disfórico; o segundo, espaço da exposição,

eufórico. No percurso do ator, figurativizado em Jeanne, nega-se a relação matrimonial, que corresponde ao plano da realidade (Jeanne era casada há três anos com o sr. Vasseur), e afirma-se a relação não permitida, que corresponde ao seu sonho (Jeanne sonha entregar-se a D'Avencelle).

O deslocamento de Jeanne do espaço Ciré para o espaço Paris corresponde a mudança de estados do sujeito, como se resume no quadro que segue.

### Quadro 3 - Mudanças de estados do sujeito

<b>Ciré</b>	<b>Paris</b>
Tristeza	Alegria
Reclusão	Exposição
Isolamento	Integração

Fonte: elaboração própria

Quanto à oposição /Péronel vs. D'Avencelle/, os apelidos atribuídos a eles, Cavaleiro Rompante e Carneiro Fiel, respectivamente, figurativizam valores distintos. A propósito, a escolha do apelido Cavaleiro Rompante por Jeanne para designar Péronel é significativa na medida em que remete ao herói de um romance de capa e espada de Théophile Gautier, publicado em 1863, cujo título é “Capitaine Fracasse”. Jeanne vê em Péronel o sujeito ousado que abandona tudo e duela com todos para conquistar aquela a quem ama. Ao chamar Péronel de Capitão Rompante, Jeanne destaca ainda a ousadia e o atrevimento daquele que quer seduzi-la. Capitão é o que comanda, que é superior e que exerce autoridade sobre os outros. Rompante é o que manda, que tem autoridade, que é impetuoso, arrebatado.

Não se deve deixar de considerar que a escolha desse apelido, tomado a uma obra do romântico Gautier, revela ainda o repertório de leitura da protagonista, que se manifesta na visão que ela tem das relações amorosas. Pode-se afirmar que Jeanne é dominada pelo bovarismo, na medida em que é uma mulher que quer ser outra, que tem fantasias delirantes e o plano dos sonhos lhe propicia isso. Como a personagem de Flaubert, o adultério é a possibilidade que Jeanne vê para si de tornar-se outra.

As figuras referentes a cada um desses dois atores fazem emergir para o nível do discurso o *éthos* de cada um deles. Enquanto D'Avencelle é o que obedece (a figura do carneiro

é reveladora nesse sentido), o que é leal e dedicado, Péronel é o conquistador, galanteador, atrevido.

D'Avencelle encarna os valores do amor idealizado, romântico, casto, platônico. Péronel é a figurativização do amor carnal, do desejo sexual. Para Jeanne, o conflito decorre do fato de o desejo físico estar reprimido. O quadro a seguir destaca as figuras referentes a cada um dos dois pretendentes de Jeanne.

#### Quadro 4 – Temas e Figuras relativas a Péronel e D'Avencelle

<b>Péronel</b>	<b>D'Avencelle</b>
Cavaleiro	Carneiro
Rompante	Fiel
Ousadia	Obediência
Impetuosidade	Lealdade
Atrevimento	Castidade
Arrebatamento	Delicadeza
Mundano	Apaixonado
Galante	Terno

Fonte: elaboração própria

#### A oposição fundamental

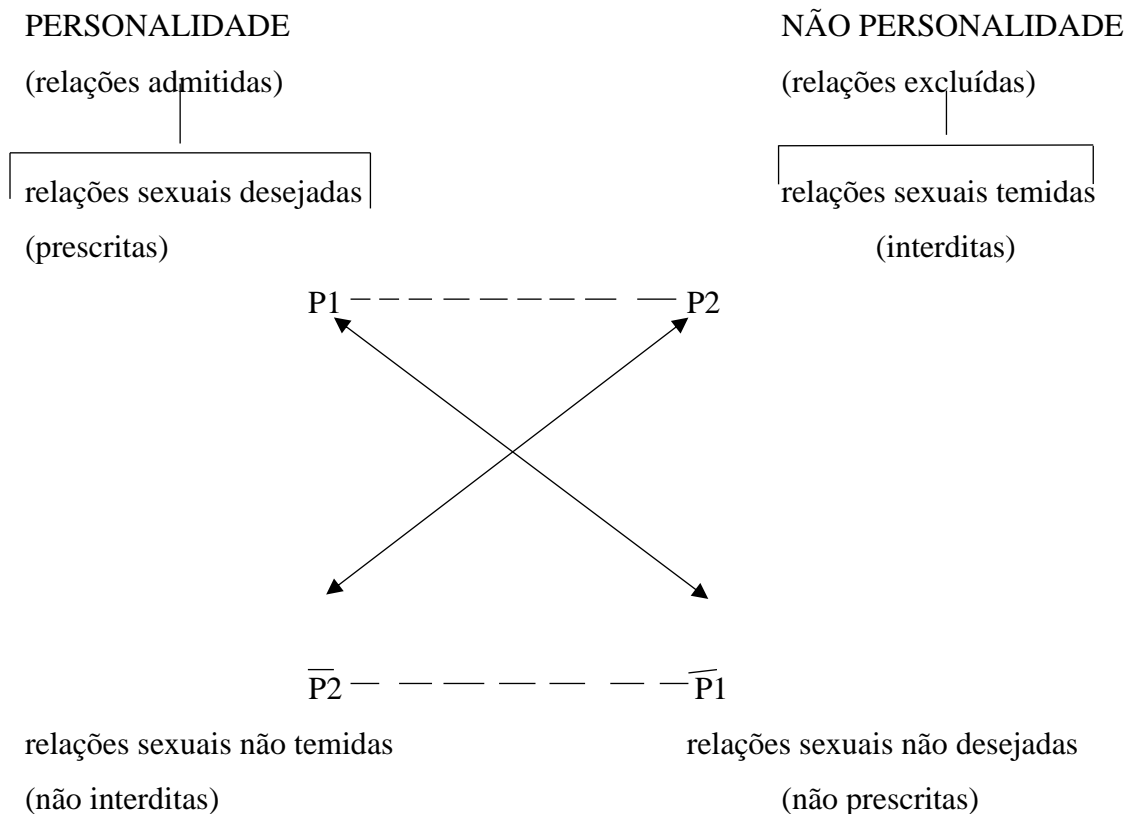
O percurso gerativo do sentido apresenta três níveis, fundamental, narrativo e discursivo, cada um deles com uma sintaxe e uma semântica próprias. Comenta-se agora, em rápidas palavras, o nível fundamental de “Despertar”.

O conto se constrói a partir da oposição semântica de base /natureza vs. cultura/ que subsume as oposições semânticas /paixões individuais vs. coerções sociais/ e /volição vs. interdição/. Jeanne tem a competência do querer e do poder; pode, portanto, realizar as fantasias amorosas; mas o destinador social, figurativizado na família, no casamento e na sociedade, atua como antissujeito, impedindo que ela entre em conjunção com os valores buscados. De um lado, a volição, o querer-fazer; de outro, a interdição, um não dever-fazer.

Para entender essa oposição de base, recorre-se ao que expõem Greimas e Rastier (1975) no texto “O jogo das restrições semióticas”, que faz parte de *Sobre o sentido: ensaios*

*semióticos*. Nesse texto, os autores apresentam três modelos para o sistema das relações sexuais: o social, o econômico e o individual. Reproduz-se a seguir este último.

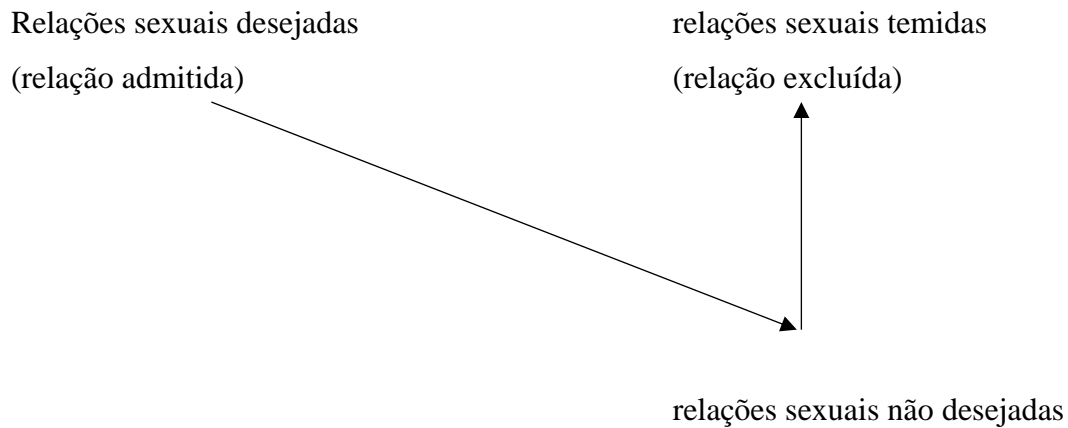
### Sistema dos valores individuais



Fonte: Greimas e Rastier (1975, p. 135)

Aplicando-se o quadrado semiótico proposto por Greimas e Rastier ao conto objeto deste artigo, tem-se, num primeiro momento, a negação das relações sexuais desejadas, as matrimoniais (Jeanne é casada com o sr. Vasseur), e a afirmação das relações sexuais temidas, as fora do matrimônio (a relação com Carneiro Fiel). Pode-se representar isso da forma que segue.

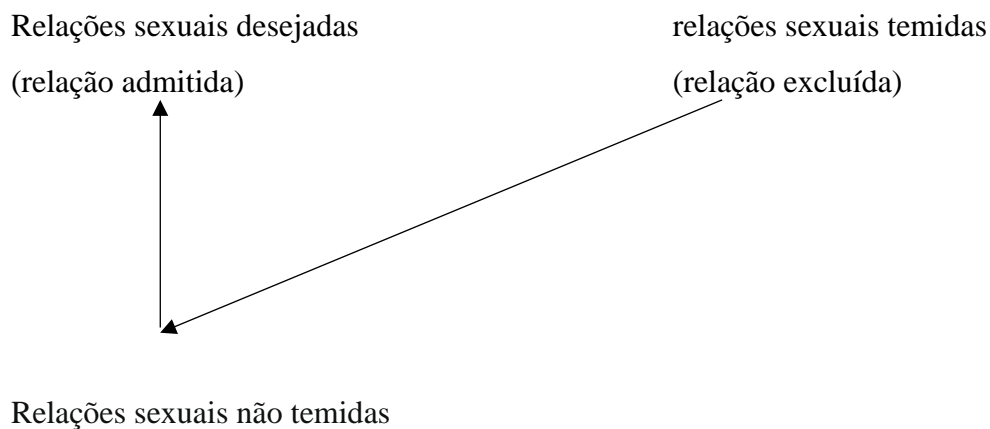
### Relações desejadas vs. relações temidas 1



Fonte: elaboração própria

Num segundo momento, o quadro se inverte. Negam-se as relações sexuais temidas e afirmam-se as desejadas.

### Imagem 3: Relações desejadas vs. relações temidas 2



Fonte: elaboração própria

O que faz com que um comportamento eufórico, num primeiro momento, passe, num momento seguinte, a ser considerado disfórico? A resposta só pode ser dada se for levado em conta que o conto se desenvolve em dois planos, realidade e fantasia, que correspondem a dois



espaços, Ciré e Paris. O deslocamento espacial de Ciré para Paris corresponde à passagem da realidade à fantasia; o deslocamento de Paris para Ciré é a retomada da realidade.

### **Oposição realidade vs. fantasia**

A oposição fundamental /natureza vs. cultura/ remete a outras oposições semânticas espalhadas por todo o conto e são constitutivas do sentido. Uma oposição destaca-se por remeter a dois planos atravessados por Jeanne: realidade e fantasia. A passagem de um plano a outro corresponde à mudança de espaços. No plano da realidade, Jeanne tem a vida monótona, simples e sombria junto ao marido mais velho do que ela no vale do Ciré. Nenhum pensamento de relação fora do casamento é aventado: “jamais um pensamento condenável tinha invadido seu coração” (MAUPASSANT, 2009, p. 203). Jeanne chega mesmo a não entender como uma mulher possa ter relações sexuais estando casada: “Ela se perguntava, estupefata, como algumas mulheres podiam consentir essas relações degradantes com estranhos, quando estavam já comprometidas com um esposo legítimo” (MAUPASSANT, 2009, p. 204). Nessas passagens, as avaliações judicativas do observador se manifestam condenando as relações fora do casamento. São significativas as figuras “pensamento **condenável**” e “relações **degradantes**” (grifos nossos). Para Jeanne, não havia qualquer possibilidade de manter uma relação sexual fora do casamento, pois “a ideia de entregar seu corpo aos carinhos grosseiros daqueles homens barbados a fazia rir de pena e até arrepiar-se um pouco de nojo” (MAUPASSANT, 2009, p. 204).

Em Paris, realidade e fantasia começam a se misturar, fazendo emergir a possibilidade e o desejo de uma relação adúltera. Há fatos que ocorrem no nível da realidade e outros cuja ocorrência está restrita ao plano dos sonhos. É neste que a opção de uma relação sexual fora do casamento emerge. É real o conhecimento que ela tem dos dois pretendentes, mas a relação com eles se dá ora no plano do real, ora no plano dos sonhos. Há momentos em que ela teme o que ocorre nos sonhos, e há momentos em que o bovarismo se manifesta e ela quer que o sonho seja real. A relação sexual com um outro ora é desejada, ora é temida; o comportamento da protagonista é marcado pela tensão.

A oscilação entre os planos da realidade e da fantasia relaciona-se aos dois pretendentes que ela tem em Paris, Péronel (Cavaleiro Rompante) e D’Avencelle (Carneiro Fiel). Jeanne transforma-se em uma mulher cindida. É como se ela sonhasse acordada. A felicidade alcançada no sonho é reprimida na realidade, pois Jeanne teme “a realização do desejo que tinha despertado em sua alma” (MAUPASSANT, 2009, p. 205) e passa a ter um relacionamento casto

com Carneiro Fiel, que respeita o pacto proposto por ela de evitarem uma aproximação física mais profunda, embora o desejo nela fosse cada vez mais crescente, “sentindo por dentro uma rebelião de desejos, a imperiosa necessidade daquele supremo enlace que havia experimentado de forma tão completa no sonho” (MAUPASSANT, 2009, p. 207).

O plano do sonho é marcado pela sensualidade, pelo amor físico, pelo desejo da união dos corpos, que acaba ocorrendo (“ela se entregou”), o que trouxe à protagonista “uma felicidade intensificada e sobre-humana, ideal e carnal, perturbadora, inesquecível”.

Enfim, Jeanne atua no sentido de que o prazer do sonho não se transforme em realidade.

No plano da realidade, está outro pretendente, que é a antítese de Carneiro Fiel, que é respeitador da vontade de Jeanne e nem chega a entrar na casa dela, Capitão Rompante, que é ousado e adentra na casa de Jeanne, onde a espera e a envolve com palavras amorosas, manipulando-a por sedução. Ela, no entanto, desloca-se do plano do real para o do sonho, em um processo alucinatório em que, em vez de ouvir as palavras do Capitão Rompante, ouve as de Carneiro Fiel. Há a fuga do real para o sonho. Ao acordar desse sonho, assusta-se e grita para que o outro vá embora. No quadro que segue, destacam-se temas e figuras relativos a esses dois planos.

#### Quadro 5 – Oposição realidade vs. fantasia

<b>Realidade</b>	<b>fantasia</b>
Vale do Ciré	Paris
Sr. Vasseur (marido)	D’Avancelle (amante)
Sombria	Alegre
Resistência	Entrega
Cavaleiro Rompante	Carneiro Fiel
Amizade	Desejo sexual
Fidelidade	Infidelidade

Fonte: elaboração própria

#### Considerações finais

Títulos são contextualizadores prospectivos. Isso significa que sinalizam ao leitor o que ele vai encontrar. De certa forma, antecipam o assunto tratado.

Como se destacou, o conto apresenta dois planos bem marcados pelos quais a protagonista transita. A construção do sentido do conto pressupõe a compreensão de como se dá a passagem de um plano para outro. Para isso, o título do conto, “Despertar”, fornece uma pista importante.

Para se construir o(s) sentido(s) de despertar, tem-se de estabelecer a que palavra esse lexema se opõe, já que a significação decorre de uma relação. Os dicionários registram diversas acepções para despertar. Para os propósitos deste artigo, interessam as duas primeiras acepções registradas no Houaiss, reproduzidas a seguir.

1. fazer sair ou sair do sono, do estado dormente; acordar, espertar
2. fazer sair ou sair do estado de torpor ou de inércia, fazer readquirir ou readquirir força ou atividade; espertar

Em ambas as acepções, despertar contém em si narratividade, na medida em que implica a passagem de um estado a outro, de uma transformação do sujeito, do sono para a vigília, em 1; do torpor ou da inércia para o movimento, para a atividade em 2.

Embora no conto haja uma passagem em que Jeanne acorda, um despertar físico, o despertar de Jeanne refere-se mais especificamente a uma mudança de estado psicológico, de uma mudança de atitude frente ao mundo e a si própria. O despertar de Jeanne é, portanto, o da acepção 2, pois a mudança é de um estado de torpor para um estado de potência; de um estado de imobilismo para um de entrega.

Mudanças de estado pressupõem um sujeito do fazer que mobiliza o sujeito de estado atribuindo-lhe competência modal. Jeanne, quando sonha, é destinadora de si própria, se automanipula por tentação, adquirindo a competência do querer-fazer. No sonho, ela é outra, diferente do que é na realidade e, no sonho, se entrega a D’Avencelle. Num outro plano, o da realidade, é manipulada por um não dever fazer. No conto, as coerções sociais acabam se sobrepondo às pulsões individuais. Jeanne volta para o Ciré para viver junto ao marido uma relação de fidelidade, longe dos desejos. No verão seguinte, Carneiro Fiel vai visitá-la, ela o recebe e compreende que o amara apenas em sonho, do qual Cavaleiro Rompante a despertara brutalmente. Como nos contos mais tradicionais, “Despertar” termina pela coda, expressa na voz de Carneiro Fiel: “As mulheres são de fato muito estranhas, complicadas e inexplicáveis”.

## Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2001.

FLOCH, Jean-Marie. “Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral”. Tradução de Analice Dutra Pilar. In: *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas 1*. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001, p. 9 – 29.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Jacques. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; RASTIER, François. “O jogo das restrições semióticas”. In: GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar e outros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975, p. 126-143.

MAUPASSANT, Guy. “Despertar”. In: MAUPASSANT, Guy. *125 contos de Guy de Maupassant escolhidos por Noemi Moritz Kon*. Tradução de Amilcar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 203 – 208.

*Recebido em 09 de março de 2023.*

*Aceito em 10 de maio de 2023.*

## ANEXO

### Despertar

Fazia três anos que estava casada e durante todo esse tempo ela não tinha saído do vale de Ciré, onde seu marido possuía fiações. Vivia tranquila, sem filhos, feliz em sua casa escondida sob as árvores, que os operários chamavam de “o castelo”.

O sr. Vasseur, bem mais velho do que ela, era bom. Ela o amava; e jamais um pensamento condenável tinha invadido seu coração. Sua mãe vinha passar todos os verões em Ciré e, assim que as folhas começavam a cair, voltava a se instalar em Paris no inverno.

A cada outono Jeanne tossia um pouco. O estreito vale por onde serpenteava o rio ficava então, durante cinco meses, coberto por uma bruma. Cerrações leves pairavam primeiro sobre as baixadas, fazendo de todas as propriedades algo semelhante a um grande lago de onde emergiam os telhados das casas. Depois, subindo como uma maré, aquela névoa branca envolvia tudo e fazia do vale uma região de fantasmas por onde os homens deixavam-se ir como sombras, sem se reconhecerem a dez passos. As árvores, cobertas pelo nevoeiro, se elevavam bolorentas naquela umidade.

Mas as pessoas que passavam sobre as encostas vizinhas, e que olhavam para o buraco branco do vale, viam surgir, por baixo das brumas concentradas no nível das colinas, as duas chaminés gigantes das fábricas do sr. Vasseur, que noite e dia vomitavam duas serpentes de fumaça negra no céu.

Era o único indício de vida naquele oco que parecia preenchido por uma nuvem de algodão.

Pois naquele ano, quando chegou outubro, o médico aconselhou a jovem senhora a passar o inverno em Paris na casa da mãe, pois o ar do vale tornava-se perigoso para o seu peito.

Ela foi.

Durante os primeiros meses pensou o tempo todo na casa que deixara, onde seus hábitos estavam enraizados, cujos móveis familiares e aspecto tranquilo ela amava. Depois acostumou-se à nova vida e tomou gosto por festas, jantares, dança.

Até então conservara seus modos de moça, qualquer coisa de indeciso e adormecido, um caminhar um pouco arrastado, um sorriso um tanto enfatiado. Pois ela se tornou viva, alegre, sempre pronta a divertir-se. Alguns homens a cortejaram. Ela se divertia com suas conversas,

brincava com seus galanteios, segura de sua resistência, um pouco enfasiada do amor pelo que aprendera sobre ele no casamento.

A ideia de entregar seu corpo aos carinhos grosseiros daqueles homens barbados a fazia rir de pena e até arrepiar-se um pouco de nojo. Ela se perguntava, estupefata, como algumas mulheres podiam consentir essas relações degradantes com estranhos, quando estavam já comprometidas com um esposo legítimo. Teria amado mais ternamente seu marido se eles tivessem vivido como dois amigos, sem passar dos beijos castos, que são as carícias da alma.

Mas divertia-se bastante com os cumprimentos, os desejos que surgiam nos olhares aos quais ela não correspondia, investidas diretas, declarações ditas no ouvido quando se retornava ao salão após os jantares, palavras balbuciadas tão baixo que era preciso quase adivinhá-las e que deixavam sua carne fria, o coração tranquilo, mas que, inconscientemente, estimulavam seu lado coquete, acendendo em seu íntimo uma chama de satisfação que fazia seus lábios entreabrirem-se, o olhar luzir, estremecer sua alma de mulher merecedora de elogios.

Gostava daqueles momentos em que se achava a sós com um admirador ao cair da noite, junto à lareira, no salão já escuro, quando então o homem fica apressado, balbucia, treme e põe-se de joelhos. Para ela era uma alegria delicada e nova sentir aquela paixão que não aflorava, dizer não com a cabeça e com os lábios, retirar as mãos, levantar-se e, com muito sangue-frio, tocar a sineta para pedir os lampiões, e ver enfim se aprumar, confuso e irritado ao ouvir os passos do criado, aquele que tremia a seus pés.

Tinha risos secos que gelavam as falas impetuosas, palavras duras que caíam como um jato de água fria sobre as argumentações ardentes, entonações capazes de fazer se matar aquele que a adorasse perdidamente.

Dois jovens, sobretudo, perseguiram-na com obstinação. Não se pareciam muito.

Um deles, o sr. Paul Péronel, era um rapaz mundano, galante e ousado, bem-sucedido em suas conquistas, que sabia esperar e escolher seu momento.

O outro, o sr. D'Avencelle, tremia ao se aproximar, ousava apenas insinuar seu amor, mas a seguia como uma sombra, exprimindo seu desejo desesperado através dos olhares perdidos e da assiduidade de sua presença junto dela.

Ela chamava o primeiro de “Capitão Rompante” e o segundo de “Carneiro Fiel”; acabou por fazer deste último uma espécie de escravo grudado a seus passos, que ela usava como a um doméstico.

Teria rido muito se dissessem que o amava.

Ela o amou, contudo, de maneira singular. Como o via sem cessar, ela se habituara a sua voz, a seus gestos, a toda a sua pessoa, como nos habituamos àqueles que vivem a nosso lado.

Com frequência seu rosto a perseguia em sonhos; ela o revia tal como era na vida real, doce, delicado, humildemente apaixonado; e despertava obcecada pela lembrança daqueles sonhos, julgando ainda ouvi-lo e senti-lo perto dela. Pois uma noite (estava com febre talvez), ela se viu a sós com ele, num pequeno bosque, sentados na grama.

Ele dizia palavras encantadoras, apertando e beijando-lhe as mãos. Ela sentia o calor de sua pele e o sopro de sua respiração; e de maneira muito natural, ela acariciava-lhe o cabelo.

No sonho somos um outro, diferente do que somos na vida. Ela se sentia cheia de ternura por ele, uma ternura tranquila e profunda, feliz de poder tocar sua cabeça e abraçá-la.

Pouco a pouco ele a enlaçava com os braços, beijava-lhe as faces e os olhos sem que ela fizesse algo para impedi-lo, e seus lábios se encontraram. Ela se entregou.

Foi (a realidade não tem desses êxtases), foi um segundo de uma felicidade intensificada e sobre-humana, ideal e carnal, perturbadora, inesquecível.

Ela despertou excitada, confusa, e não conseguiu dormir de novo, tanto se sentia obsedada, ainda possuída por ele.

E quando o reencontrou depois, ele, que desconhecia o distúrbio que produzira, ela se sentiu enrubescer; e enquanto ele falava timidamente sobre seu amor, ela recordava sem parar, sem poder se livrar daquela imagem, ela recordava o delicioso enlace do sonho.

Ela o amou, amou com uma estranha ternura, refinada e sensual, feita sobretudo da lembrança daquele sonho, ainda que temesse a realização do desejo que tinha despertado em sua alma.

Por fim ele se deu conta. E ela lhe contou tudo, inclusive o medo que sentia dos seus beijos. Ela o fez jurar que a respeitaria.

Ele a respeitou. Juntos, passavam longas horas de amor exaltado, onde apenas as almas se uniam. E em seguida eles se separavam, enfraquecidos, desfalecidos, febris.

Seus lábios por vezes se juntavam; e, fechando os olhos, saboreavam aquela demorada carícia, mas casta, apesar de tudo.

Ela compreendeu que não resistiria muito tempo; e, como não queria falhar, escreveu ao marido dizendo que desejava voltar para perto dele e retomar a vida tranquila e solitária.

Ele respondeu uma carta admirável, dissuadindo-a de voltar em pleno inverno, de se expor àquele brusco exílio nas brumas geladas do vale.

Ela ficou consternada e indignada com aquele homem confiante, que não compreendia, que não suspeitava das lutas do seu coração.

Fevereiro estava claro e ameno, e ainda que agora ela evitasse ficar muito tempo a sós com o Carneiro Fiel, por vezes aceitava fazer um passeio de carro com ele em torno do lago, ao crepúsculo.

Dir-se-ia que naquela noite todas as seivas despertavam, tamanha era a mornidão da brisa. O pequeno cupê ia devagar; a noite caía; eles estavam de mãos dadas, apertados um contra o outro. Ela se dizia: “É o fim, é o fim, estou perdida”, sentindo por dentro uma rebelião de desejos, a imperiosa necessidade daquele supremo enlace que havia experimentado de forma tão completa no sonho. A todo instante suas bocas se procuravam, se uniam uma à outra e se repeliam para imediatamente se reencontrar.

Ele não ousou entrar na casa dela, e a deixou à porta, desfalecida e descontrolada.

O sr. Paul Péronel a esperava no pequeno salão às escuras.

Tocando sua mão, ele percebeu que uma febre a queimava. E pôs-se a falar a meia-voz, carinhoso e galante, embalando aquela alma esgotada no encanto de palavras amorosas. Ela escutava sem responder, pensando no outro, julgando ouvir o outro, julgando senti-lo contra si, numa espécie de alucinação. Era somente ele que ela via, não se lembrava da existência de nenhum outro homem no mundo; e quando seu ouvido estremecia àquelas três palavras: “Eu te amo”, era ele, o outro, que as dizia, que beijava seus dedos, era ele que apertava seu peito como havia pouco no cupê, era ele que deitava em seus lábios aquelas carícias triunfantes, era ele que ela abraçava, que enlaçava, que o chamava com todo o ímpeto de seu coração, com todo o ardor exasperado de seu corpo.

Quando despertou daquele sonho, ela deu um grito assustador.

O capitão Rompante, de joelhos a seu lado, agradecia apaixonadamente cobrindo de beijos o cabelo desfeito. Ela gritou: “Vá embora, vá embora daqui, vá embora”.

E como ele não entendia e tentava abraçar-lhe a cintura, ela se retorceu, balbuciando: “Você é infame, eu o odeio, você me enganou, vá embora daqui”.

Ele se reergueu, aturdido, pegou o chapéu e foi embora.

\* \* \*

No dia seguinte, ela retornava ao Vale de Ciré. Seu marido, surpreso, censurou aquela decisão impensada. “Eu não podia mais viver longe de você”, ela disse.



Ele achou-a mudada, mais triste do que antes, e quando perguntava: “Mas o que é que você tem? Parece infeliz. O que você quer?”, ela respondia: “Nada. De bom na vida, não há nada além dos sonhos”.

O Carneiro Fiel foi vê-la no verão seguinte.

Ela o recebeu sem confusão nem arrependimentos, compreendendo imediatamente que jamais o amara senão em um sonho do qual Paul Péronne a despertara brutalmente.

Mas o moço, que continuava a adorá-la, pensava ao voltar para casa: “As mulheres são de fato muito estranhas, complicadas e inexplicáveis”.

(MAUPASSANT, 2009, p. 203-208)